10:47 93%

Opinião do GLOBO

Política de habitação agrava efeito das enchentes

Programas do governo incentivam construções em áreas de risco ou manancial nas periferias

A tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul e a sucessão de desastres naturais que tem fustigado sucessivamente as cidades brasileiras nos últimos anos, amplificada pelas mudanças climáticas, deveriam levar a sociedade — em especial a classe política — a refletir sobre os modelos de ocupação equivocados e as políticas habitacionais erráticas que têm contribuído para agravar os efeitos de eventos climáticos extremos inexoráveis.

O Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (Cemaden) informou no ano passado, com base em dados antigos do IBGE, que 8,3 milhões de brasileiros viviam em áreas suscetíveis a enchentes ou deslizamentos. Estima-se que esse número já ultrapasse 10 milhões. Pelo menos 2,5 milhões se concentram em locais de "alto risco" e "muita vulnerabilidade". Em Salvador, 45,5% da população vive em áreas de risco. Em Belo Horizonte, 16,4%. No Recife, 13,4%.

A ocupação das cidades se consolida ao longo de décadas, ou séculos, adensando algumas áreas, esvaziando outras, ocupando terrenos que jamais deveriam ser ocupados. A leniência dos governos permitiu que encostas e margens de rios fossem tomadas por moradias precárias, erguidas sem cuidado técnico, em áreas altamente vulneráveis a deslizamentos e enchentes. Mas não só a cidade consolidada expõe as populações a tragédias climáticas. Políticas públicas equivocadas, caso do Minha Casa, Minha Vida (MCMV), trazem prejuízo ambiental ao favorecer a ocupação de áreas de risco nas periferias, perpetuando um modelo insustentável de urbanização.

Quando era prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, hoje ministro da Fazenda, construiu um conjunto de prédios do MCMV numa área de nascentes às margens da Represa Billings, Zona Sul da capital paulista. O projeto controverso, de 193 prédios e 3.860 apartamentos, foi criticado por ambientalistas e chegou a ser embargado pela Justiça a pedido do MP. Depois, no terreno antes usado como área de lazer no Parque dos Búfalos, foi construído o condomínio, que continua lá.

Norteada pela busca de terrenos baratos para construção maciça de moradias, o MCMV por vezes abriga famílias em áreas suscetíveis a enchentes. Em Queimados, na Baixada Fluminense, um condomínio do MCMV construído para vítimas da chuva foi invadido pelas águas e pela lama em 2013. Em 2016, um conjunto habitacional em Maricá (RJ) foi inundado numa tempestade, e os moradores precisaram ser resgatados pelos bombeiros.

Para o arquiteto e urbanista Washington Fajardo, o MCMV é um programa de estímulo à construção civil mais que de habitação social. E torna difícil aos prefeitos colocar em prática políticas mais resilientes às mudanças climáticas. A lógica do programa, diz Fajardo, é buscar terrenos nas periferias, não importando se a área está preparada. Baseia-se na ideia errada de que as cidades devem se expandir para se desenvolver, mesmo quando isso significa mais asfalto (e mais impermeabilização), menos árvores (e mais calor) e menos infraestrutura (e mais violência). "Há um sério problema de mentalidade, compreensão e tomada de decisão sobre como a urbanização deveria buscar urgentemente a sustentabilidade e adaptação", afirma. Reocupar zonas centrais esvaziadas, como tem se tentado fazer no Rio e em São Paulo, deveria ser a prioridade.

Fenômenos climáticos extremos estão cada vez mais frequentes e intensos. As cidades, tal como foram concebidas, se mostram despreparadas para enfrentá-los. Há, é certo, medidas de mitigação que precisam ser tomadas. Mas, paralelamente, o modelo de ocupação do espaço urbano e as políticas para construção de moradias precisam ser discutidos à luz dos desafios atuais.

Brasil precisa estar preparado para diversidade de tecnologias limpas

Mesmo que carro híbrido pareça hoje opção sensata, as baterias de veículos elétricos ganham competitividade

Relatório das Nações Unidas constatou que os compromissos de redução nas emissões de gases assumidos no Acordo de Paris estão longe do objetivo de limitar o aquecimento global a 1,5 °C em relação aos níveis da era pré-industrial. Cientistas preveem que, mesmo que sejam cumpridos, o planeta esquentará entre 2,5°C e 2,9°C. É preciso, portanto, fazer mais. Para isso, o caminho mais promissor são tecnologias que gerem energia sem lançar gases na atmosfera.

A maior vantagem do Brasil é ter uma matriz energética das mais limpas do mundo — cerca de 60% da energia gerada é hídrica. Os obstáculos ambientais à construção de grandes hidrelétricas na Amazônia têm sido compensados pelo crescimento da geração de energia eólica e solar no Nordeste. Outra vantagem brasileira está na experiência com o uso de álcool como substituto da gasolina e de combustíveis vegetais no lugar de diesel.

É nítido, porém, o avanço dos veículos elétricos pelo mundo, propiciado pelo avanço tecnológico das baterias. Ainda há no Brasil um obstáculo aos proprietários de veículos 100% elétricos difícil de superar: a pequena rede de recarga existente. Por isso a tendência inicial de ser a predominância de veículos híbridos. Há algum tempo foram lançados carros híbridos que podem ser movidos tanto por eletricidade como por álcool, garantindo redução quase total das emissões.

O barateamento das baterias deverá, contudo, exercer pressão pela eletrificação total da frota. Nos Estados Unidos, Califórnia, Texas e Arizona já têm usado baterias robustas, carregadas por energia solar durante o dia para abastecer as redes de transmissão à noite. Em 30 de abril, entre 19h e 22h, as baterias forneceram mais do que 20% da energia consumida na Califórnia. Por alguns minutos, distribuíram 7.046 megawatts, o equivalente à geração de sete usinas nucleares como as de Angra.

A tendência é a multiplicação de baterias pelo mundo. Em três anos, a capacidade de estocagem de energia elétrica foi multiplicada por dez nos Estados Unidos. A previsão para este ano é que o parque dobre de tamanho. Ajuda nessa expansão a queda de 80% no custo das baterias à base de lítio — mesma tecnologia dos celulares e dos veículos elétricos. A Califórnia conta com elas para atingir o objetivo de chegar a 2045 com 100% da energia consumida no estado oriunda de energia limpa. Para isso, a malha de baterias triplicará até 2035. Seu uso tem substituído o consumo de gás natural.

É cedo para saber se a opção brasileira pelo carro híbrido será melhor que a adoção de veículos elétricos dependentes de uma rede de distribuição ainda incerta. Mas é preciso estar preparado para um futuro em que serão necessárias tecnologias de todo tipo.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
cartas@oglobo.com.br

FERNANDO GABEIRA

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
editoria.artigos@oglobo.com.br

O cavalo subiu no telhado

Durante muitos anos, falei em aquecimento global, preparação das cidades, resiliência, essas coisas. Muito mais eficaz que todos os meus argumentos é a imagem de um cavalo de 350 quilos no telhado de um bairro inundado de Canoas, no Rio Grande do Sul. A imagem de Caramelo — esse é o nome que lhe deram nas redes sociais — emocionou muita gente, até pelo delicado resgaste realizado pelos bombeiros.

Destaco essa imagem na tragédia porque ela tem a força de desarrumar um pouco nossa lógica, provocar um rápido curto-circuito mental e, consequentemente, abrir a cabeça para a realidade que não conseguimos ver.

Escrevi um longo artigo sobre as mudanças climáticas para a revista da Academia Brasileira de Letras e usei como título o verso de Bob Dylan: *Alguma coisa está acontecendo, mas você não sabe o que é*. A imagem do cavalo no telhado economizaria dramaticamente meus argumentos.

Sou muito ligado a esses acontecimentos que mudam subitamente nosso modo de ver. No passado, escrevi um artigo sobre o goleiro colombiano Higuita. Ele estava prestes a defender uma bola à meia altura, e o normal seria abraçá-la junto ao peito. Higuita deu um mergulho apontando a cabeça para o chão e, num golpe, rebateu a bola com as duas pernas levantadas. Na época, usei como um exemplo de criatividade. Acredito que os mestres zens usem muito essas mexidas bruscas no nosso modo de ver as coisas para passar suas lições. Os próprios koans desafiam o senso comum.

A verdade é que o Brasil está em cima do telhado, não apenas Caramelo. Ou nos adaptamos celeremente às mudanças climáticas ou podemos ser destruídos. Não se trata apenas de tempestade. Há o aumento do calor, a alta do nível dos mares, tema que nos atinge seriamente. Quem quiser ter uma ideia, basta visitar a Praia de Atafona, no Estado do Rio. Há problemas em Pernambuco, Santa Catarina e muitos outros lugares. No caso do Rio Grande do Sul, que espero supere o mau tempo a partir de hoje, há o grande desafio da reconstrução.

Não se trata apenas de tempestade. Há o aumento do calor, a alta do nível dos mares, tema que que nos atinge seriamente

Um caso a estudar é a reconstrução de Nova Orleans. Muitos pontos destruídos ainda têm marcas para que as pessoas não esqueçam. Foi erguido também um Memorial do Katrina, nome do furacão que devastou a cidade em 2005.

O comportamento dos políticos tem de mudar rápido. Apenas três deputados gaúchos destinaram verbas de prevenção às enchentes. A Prefeitura de Porto Alegre não investiu um centavo nesse item em 2023.

Como deputado, participei dos projetos que versam sobre recursos hídricos. Criamos os comitês de bacia, instrumento adequado para gerir bacias hidrográficas. Os prefeitos fazem plano de desenvolvimento sem levar em conta os vizinhos, o conjunto da bacia.

As mudanças climáticas exigem uma grande virada em nossa cabeça. O comportamento suicida do Congresso, a tendência de empurrar com a barriga, mesmo entre os que reconhecem a crise climática — tudo isso apenas precipita o desastre.

As enchentes no Sul são um aprendizado. Gosto de planejar cartilhas para esses tempos e percebi um novo item muito importante: não deixar os bichos para trás. Não é apenas por causa de Caramelo, mas de milhares de cães e gatos, alguns certamente mortos pela força das águas.

Ficar sem água potável no meio de uma grande inundação também é um problema singular. Teremos de pensar nisso: kits de descontaminação, usinas que produzam água limpa. Na verdade, é muita coisa para pensar, um mundo novo a planejar. Precisamos ter a ideia de onde estão as grávidas, quem precisa de hemodiálise, como conservar insulina com o colapso das geladeiras.

Infelizmente, um problema de saúde, solucionável a curto prazo, me impediu de estar no Rio Grande do Sul. Brevemente espero estar lá e também me dedicar, dentro dos meus limites, a essa gigantesca transição que o país precisa realizar.

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://gle.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.
DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Maia, André Vianna, Fábio Bartolomeu, Luiza Bapista e Paulo Cotias Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz
Rua Marquês do Pombal, 25 - Cortiço - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 - Tel: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leila Suwiten - leila.suwiten@sp.oglobo.com.br
Saúde: Ariana Cha Lopes - ariana.cha.lopes@sp.oglobo.com.br
Segunda-Caderno: Marcelo Ballas - ballas@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Audiência: Gabriela Goulart - ggoulart@oglobo.com.br
Acervo e Pesquisa: William Fidal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Ballas - ballas@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
E.G: Mariana Caruso - mcaruso@oglobo.com.br
Bairros: Viktor Calmon Filho - mailcrio@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Maurício Xavier (interino) - mauricio.xavier@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou, pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades)
0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito ou débito automático em conta-corrente (preço de seguinte ao mês vigente)
para RJ, MG, SP e ES: R$ 169,90
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 6,00
Demais regiões: RJ, SP, MG e ES: R$ 10,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não aceita em contrato para cobrança de muito ou nenhuma da assinatura. Desconfiem qualquer contato a respeito desses temas. Para ser O GLOBO sem sair, ligue para 4002-5300 ou pelo site www.assinaturas@oglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 **Classifone** (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

PUBLICIDADE Notícias: (21) 2534-4300 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4350 Missas, religiosos e fúnebres: (21) 2534-4033 Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5150

A marca de madeira de origem responsável
Leia mais e fale pelo Cartão de FSC
CARBON FREE